

SALLES ALMEIDA, Cecília. **Crítica Genética**: Fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: Educ, Editora da PUC de São Paulo, 2008.

PÁGINA	CITAÇÃO
6	O início dos estudos genéticos é localizado na França, em 1968, por iniciativa de Louis Hay e Almuth Grésillon.
8	Em 1985, acontece em São Paulo o I Colóquio de Crítica Textual: O Manuscrito Moderno e as Edições na Universidade de São Paulo.  A Crítica Genética é introduzida no Brasil por Philippe Willemart.  A transdisciplinaridade, no início do desenvolvimento dessa abordagem metodológica, se limitava à diversidade de teorias que eram acionadas por diferentes pesquisadores para lidar com os manuscritos.  Tem havido uma expansão teórica e geográfica nos estudos genéticos;
8/9	A Crítica Genética, que se voltava, de início, para o estudo dos manuscritos literários, já trazia consigo, desde seu surgimento, a possibilidade de se explorar um campo mais extenso, que nos levaria a poder discutir o processo criador em outras manifestações artísticas.  A Crítica Genética assume desse modo, aquilo que Daniel Ferrer (2000) chamou de "vocação transartística."
9/10	Há, também, uma forte tendência de se estabelecerem paralelos entre a Crítica Genética e outras disciplinas, que trabalham com o manuscrito literário, como, por exemplo, a Filologia, e mais especificamente, a Ecd�tica.  Enquanto o crítico genético ou geneticista, pesquisador que se dedica aos estudos da Crítica Genética, tem a curiosidade de conhecer e compreender a cria�o em processo, os artistas mostram interesse, em muitos casos, de conhecer e compreender as pesquisas desenvolvidas pelos geneticistas.
11	[...] arte não � são o produto considerado "acabado" [...] a obra consiste na cadeia infinita de agrega�o de ideias, ou seja, na série infinita de aproxima�es para atingi-la (Calvino, 1990, p. 91).  Valoriza�o do processo para a Crítica Genética.  Roman Jakobson (1970, p. 179) � solidário com esses criadores. Diz ele: "se o estudo da literatura quer tornar-se uma ciência, ele deve reconhecer o 'processo' como seu único herói".

12	<p>A Crítica Genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista. O interesse pelo modo como as obras de arte são feitas não é novo, assim como os artistas sempre fizeram registros desse processo e, em muitos casos, os preservaram.</p>
14	<p>Os estudos genéticos nascem de algumas constatações básicas. Na medida em que lidamos com os registros que o artista faz ao longo do percurso de construção de sua obra, ou seja, os índices materiais do processo; estamos acompanhando seu trabalho contínuo e, assim, observando que o ato criador é resultado de um processo. Sob essa perspectiva, a obra não é, mas vai se tornando, ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos.</p> <p>A obra é, portanto, precedida por um complexo processo, feito de ajustes, pesquisas, esboços, planos, etc. Os rastros deixados pelo artista de seu percurso criador são a concretização desse processo de contínua metamorfose.</p> <p>[...] {contra} o mito da obra que já nasce pronta, ou seja, de que a obra não tem memória. Ao nos propormos a acompanhar seus processos de construção, narrar suas histórias e melhor compreender esses percursos, independentemente da abordagem teórica escolhida, estamos tirando a criação artística do ambiente do inexplicável, no qual está, muitas vezes, inserida. Ao mergulhar no universo do processo criador, as camadas superpostas de uma mente em criação vão sendo lentamente reveladas, surpreendentemente compreendidas.</p> <p>Não há pretensão de encontrar fórmulas explicativas para esse fenômeno de grande complexidade, mas a tentativa de se aproximar, por diferentes ângulos, desse processo responsável pela geração de uma obra de arte.</p>
15	<p>Esse é o campo de estudo da Crítica Genética e o ponto de partida para a investigação desses pesquisadores, que se assemelha, por vezes, à atividade do arqueólogo, do geólogo ou do historiador.</p> <p>O crítico genético pretende tornar o percurso da criação mais claro, ao revelar o sistema responsável pela geração da obra.</p> <p>É uma pesquisa que procura por uma maior compreensão dos princípios que norteiam a criação; ocupa-se, assim, da relação entre obra e processo, mais especificamente, procura pelos procedimentos responsáveis pela construção da obra de arte, tendo em vista a atividade do criador.</p>

16	<p>Nova concepção de manuscrito após o surgimento da Crítica Genética.</p> <p>Biasi (1988), ao discutir especificamente a criação literária, diz que algo mudou radicalmente, nestes últimos tempos, na nossa concepção de manuscrito: até aqui, o manuscrito era, antes de tudo, um objeto de coleção preciosamente conservado nas bibliotecas públicas ou particulares como prova da autenticidade da obra e, às vezes, consultado como documento testemunhai do trabalho do artista. Sem perder esse valor de "bem simbólico", ele lembra que o objeto manuscrito foi dotado de valor cultural: tornou-se material para apreensão com intuito científico. É a eclosão do manuscrito que passa a tornar possível a exploração de sua potencialidade.</p>
17	<p>O interesse pelo processo de criação;</p> <p>Para melhor entendermos o propósito que norteia os estudos genéticos, comecemos por indagar sua própria meta. Por que o interesse pelo processo de criação?</p> <p>O fascínio da obra entregue ao público não é suficiente, talvez, porque a questão da origem desperta no homem uma curiosidade visceral: origem da vida, [...] No estudo do processo de criação, ao apreender o surgimento e o desenvolvimento dos objetos artísticos, o pesquisador também participa da obra e surge, assim, um novo modo de apreender a arte.</p> <p>Nessa tentativa de compreender o fascínio que a gênese da criação artística exerce sobre muitos, talvez encontremos mais esclarecimentos em Bachelard (1986), que se respalda nas palavras de Hans Carossa e Henri Michaux. O homem é a única criatura da Terra que tem vontade de olhar para o interior de outra. [...] O avesso de todas as coisas e a imensidão íntima das pequenas coisas são visitados. Transpostos os limites exteriores da obra, quão espaçoso é o interior. A intimidade da obra guarda uma movimentação intensa e uma vasta diversidade de possibilidades de obras.</p> <p>Profundo interesse pelas obras em construção. O pesquisador busca a história das obras.</p>
18	<p>[...] com um ato eminentemente íntimo; e procura pelos princípios (ou alguns princípios) que regem esse processo.</p> <p>Borges (1980), por sua vez, afirma que a verdadeira obra de arte é aquela que esconde ou não deixa transparecer o trabalho exigido para se chegar a ela.</p> <p>Esse tipo de estudo não nos proporciona somente uma informação complementar àquela do texto: fornece, na verdade, um saber diferente. A Crítica Genética nos faz penetrar na terceira dimensão da arte — a gênese da obra, a linguagem <i>in statu nascendi</i> (Hay, 1986).</p> <p>Desse modo, acompanha esse percurso para desmontá-lo e, em seguida, pô-lo em ação novamente, pois seu objeto de estudo é o caminho percorrido pelo artista para chegar (ou quase sempre chegar) às obras.</p>
19	<p>Na relação entre esses registros e a obra entregue ao público encontramos um pensamento em processo. E é exatamente como se dá essa construção o que nos interessa.</p>

20	<p>É interessante observar que, de modo especular, a Crítica Genética passa por ajustes, à medida que vai se desenvolvendo. Em nome de sua inevitável expansão, sofre rasuras transformadoras, ou seja, ajustes conceituais e teóricos.</p> <p>Uma dessas adequações diz respeito a seu objeto de estudo: o manuscrito. Já nos estudos de crítica genética de literatura, o termo manuscrito não era usado limitando-se a seu significado de "escrito à mão". Dependendo do escritor, podíamos deparar-nos com documentos [pag. 038] escritos a máquina, digitados ou provas de impressão que receberam alterações do próprio autor.</p> <p>Lidando com as outras manifestações artísticas, as dificuldades de se adotar o termo manuscrito aumentaram. [...] Buscou-se outro termo, que desse conta da diversidade das linguagens. <i>Documentos de processo</i> pareceu cumprir essa tarefa. Acredito que esse termo nos dá mais amplitude de ação.</p> <p>Os documentos de processo são, portanto, registros materiais do processo criador. São retratos temporais de uma gênese que agem como índices do percurso criativo.</p> <p>Em termos gerais, esses documentos desempenham dois papéis ao longo do processo criador: <i>armazenamento e experimentação</i>.</p>
21	<p>Louis Hay (1985) fala desse armazenamento quando discute os depósitos de marcas dos impulsos iniciais, da memória bastante distante ou, ainda, da memória da própria gênese. [...] Ele dá, como exemplo, as anotações, os diários e as correspondências.</p> <p>Encontramos traços de experimentação naquilo que Louis Hay (1985) descreve, na literatura, [...] que se podem concretizar sob diferentes formas, como roteiros, mapas, planos; nos instrumentos de trabalho redacional propriamente dito, como esboços, primeiras redações e rascunhos; e nos instrumentos de publicação que aparecem sob a forma de originais (ou, simplesmente, manuscrito, como também os originais são chamados), datilografia e provas de impressão.</p>
22	<p>Entrevistas, depoimentos e ensaios reflexivos são documentos públicos que oferecem, também, dados importantes para os estudiosos do processo criador;</p> <p>[...] a variedade de informações que podem ser obtidas a partir dessas diferentes fontes.</p> <p>Encontramo-nos em uma geração de transição, em que muitos escritores não usam ou ainda não usam o computador; [...] Ainda na busca por soluções para as desvantagens do computador, o escritor lida com as cópias para fazer correções manuais e, assim, os fragmentos oferecidos pela tela reintegram-se no todo da obra.</p> <p>Ainda na busca por soluções para as desvantagens do computador, o escritor lida com as cópias para fazer correções manuais e, assim, os fragmentos oferecidos pela tela reintegram-se no todo da obra.</p>

23	<p>Outra característica comum aos documentos de processo, que vem sendo observada, é que neles são encontrados resíduos de diversas linguagens. [...] Outra característica comum aos documentos de processo, que vem sendo observada, é que neles são encontrados resíduos de diversas linguagens. Podem-se encontrar registros verbais, visuais ou sonoros.</p> <p>[...] um contínuo movimento tradutório (tradução intersemiótica), ou seja, passagem de uma linguagem para outra. Há a intervenção de diferentes linguagens, em momentos, papéis e aproveitamentos diversos.</p>
24	<p>O objeto de pesquisa com o qual o crítico genético lida tem, sob essa perspectiva, o poder de nos impor uma reflexão sobre o heterogêneo e o polimorfo, como lembra Louis Hay (1985).</p> <p>Ao mesmo tempo, a criação excede os limites da linearidade do código e projeta-se em espaços múltiplos. A organização do texto na página, anotações marginais, acréscimos, intertextos, grafismos diversos, desenhos e símbolos entrelaçam os discursos, desdobram os sistemas de significação e multiplicam as possibilidades de leitura.</p> <p>[...] um objeto que é marcado por seu aspecto comunicacional de caráter intrapessoal, um exemplo de dialogismo interno. Um diálogo interior conduzido pelo próprio artista:</p>
25	<p>No desejo de conhecer a intimidade da criação, o pesquisador faz, na verdade, uma espécie de intromissão [...] Essa singularidade inerente ao manuscrito traz de volta, de certo modo, a aura da obra de arte que Benjamin (1987, p. 170) viu atrofiando-se na era da reprodutibilidade técnica.</p> <p>É a aura como [...] uma figura singular composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas e desse galho.</p>
26	<p>Objeto em movimento. [...] São índices do artista em ação, uma criação em processo, um pensamento em movimento. [...] Uma sequência de gestos advindos da mão criadora é experienciada, de forma concreta, pelo crítico genético. É a mobilidade complexa e a estabilidade precária das formas.</p> <p>Esses documentos põem em evidência a ação e o movimento que envolvem o ato criador, [...] A terra gira; o sol se desloca; as árvores crescem; as flores se abrem e se fecham; as nuvens se fundem, se dissolvem, vão e vêm; [...] A percepção da realidade física não pode desconhecer a propriedade do movimento [...] o significado da extensão ou distância implica a noção de tempo; ou seja, uma fusão de espaço e tempo que é o movimento. (Kepes, 1969, p. 228)</p>

27	<p>[...] A Crítica Genética procura compreender e explicar a ação, já que convive com a continuidade e duração da gênese: planos, dúvidas, anotações, ideias tomando corpo, obras se formando, angústias e prazeres.[...] Em outras palavras, ao separar este ou aquele elemento para análise, não se pode perder a noção do processo no qual se insere.</p> <p>[...] Só assim aquela anotação deixa de ser um mero registro destinado à imobilidade em arquivos e é revitalizada quando reconhecida e interpretada como parte de um organismo em atividade. É importante, para o crítico genético, o processo pelo qual a anotação passa para entrar no mundo ficcional em criação.</p>
28	<p>Analisando os passos que o artista deu em direção à sua obra, a Crítica Genética oferece, portanto, a possibilidade de se fazer uma investigação de caráter indutivo sobre o processo de criação;</p>
29	<p>A análise do crítico genético é, portanto, guiada pelas informações que os documentos estudados oferecem.</p> <p>[...] uma fonte interpretativa que nenhuma tentativa de análise pode esgotar. O material pode ser exposto a diferentes olhares, que podem revelar outros ângulos de análise [...]</p> <p>Desse modo, poder-se-ia dizer que o crítico genético manuseia um objeto que se apresenta limitado em seu caráter material e, ao mesmo tempo, ilimitado em sua potencialidade interpretativa.</p> <p>A documentação, como guia controlador das conclusões às quais se pode chegar, não permite, nesse caso, que o estudo enverede por caminhos especulativos, perdendo sua natureza.</p>
30	<p>Tudo é importante, tudo é origem de informação para o pesquisador e todo documento está inevitavelmente relacionado a outro. [...] A criação da obra mostra-se, sob essa ótica, como um sistema complexo e não como uma coleção de dados isolados.</p> <p>O crítico observa os vestígios deixados pelo artista e adota uma perspectiva teleológica diante deles, [...] o significado de todo material brota exatamente nessa relação que o crítico genético estabelece com a obra considerada final.</p>
31	<p>Por mais material, relativo ao processo estudado, que o crítico genético possa ter em mãos, ele sempre recorrerá a um recorte inicial de caráter fictício: [...]Enfim, estamos diante do mito do ponto <b>[pag. 060]</b> originário. É impossível determinar a origem daquela obra, por estarmos, artista e crítico, sempre no meio da cadeia criativa.</p>
32	<p>O trabalho do crítico genético começa com a constituição ou organização de seu objeto científico.</p> <p>Muitos críticos genéticos chamam de prototexto esse novo texto, [...] Esse termo foi introduzido por Jean-Bellemin-Noel em 1972. [...] O prototexto, do ponto de vista de Bellemin-Noel (1977), não é o conjunto de documentos, mas um novo texto, formado por esses materiais, que coloca em evidência os sistemas teóricos e lógicos que o organizam.</p>

	<p>[...] o crítico genético constrói o prototexto a partir dos manuscritos, com a parcialidade de um ponto de vista crítico, necessariamente, seletivo.</p> <p>O primeiro passo é a coleta dos documentos disponíveis do processo ou do artista a ser estudado.</p>
33	<p>Para o trabalho do crítico genético, é importante que os documentos estejam claros e que o crítico encontre a sua maneira de melhor manuseá-los. Refiro-me à necessidade de o pesquisador encontrar meios visuais de acessar seus documentos que viabilizem o estabelecimento de relações.</p> <p>Toda transcrição de manuscrito é modelada por um olhar, o qual, por sua vez, deve ser também modelado pela realidade do seu objeto, se deseja produzir dele uma representação adequada.</p> <p>A informática torna possível o tratamento de um <i>corpus</i> de qualquer dimensão e de forma não linear, mas hipertextual.</p>
34	<p>A expansão dos estudos genéticos fez o crítico genético passar a lidar com uma grande diversidade de documentos, [...] Quando o artista nos mostra um processo organizado e legível, a transcrição não é necessária; trabalha-se com os originais ou cópias dos originais, quando isso é possível.</p> <p>[...] os estudos genéticos passaram a lidar também com arquivos digitais, nos quais a relação original e cópia colocam-se de maneira radicalmente diferenciada.</p> <p>Estando de posse do conjunto de documentos a ser estudado, o crítico genético se expõe a esse labirinto criativo e o observa.</p> <p>Esse primeiro contato do crítico com a documentação talvez seja um dos mais importantes de sua pesquisa. É o momento de observar e estabelecer relações entre os diferentes documentos.</p> <p>A pergunta que nos guia é: o que esse material me oferece sobre o processo criativo do artista estudado? Que aspectos de seu processo criativo estão aqui evidenciados?</p>
35	<p>O crítico genético não só narra a história das criações. Os vestígios deixados por artistas oferecem meios para captar fragmentos do funcionamento do pensamento criativo;</p> <p>Retira-se da complexidade das informações o sistema que organiza esses dados. Para se chegar a sistemas e suas explicações, são feitas descrições, classificações, relações são estabelecidas e, assim, percebe-se periodicidade e relações são estabelecidas.</p> <p>A percepção, que é interpretativa, é o ponto de partida e o campo de testagem para todas as especulações e, portanto, o início da investigação.</p>
36	<p>A tarefa do crítico genético parte, portanto, dos documentos para chegar ao processo. A Crítica Genética é uma prática fundamentada numa perspectiva que transforma a obra em processo, o produto em produção.</p>

37	<p>A Crítica Genética não escapa do propósito da ciência de encontrar explicações e generalizações. Seus pesquisadores estão empenhados em buscar as características gerais (ou algumas características gerais) que regem a criação artística.</p> <p>Integrar as observações advindas do exame dos documentos em um sistema interpretativo requer embasamento teórico advindo de uma prática que inter-relaciona disciplinas diversas.</p>
38	<p>Ao introduzir na crítica essa noção de tempo (Hay, 1986), seus pesquisadores passam a lidar com a continuidade, que nos leva à estética do inacabado. O crítico genético deve, portanto, buscar instrumentos teóricos que lhe ofereçam possibilidade de falar da continuidade e do inacabamento intrínsecos a seu objeto.</p> <p>Há necessidade de procurar um tratamento teórico fiel à natureza do objeto. Deve-se, portanto, buscar uma harmonia entre o objeto de estudo e o embasamento teórico, para que o resultado desse cruzamento, a análise propriamente dita, reflita a complexidade do objeto estudado.</p>
39	<p>O crítico tem que recorrer às teorias próximas à materialidade de cada processo. [...] Do mesmo modo, ao lidar, por exemplo, com documentos de fotografia, precisamos recorrer às suas especificidades: equipamento, lente, enquadramento, corte, edição, etc.</p> <p>Sob essa perspectiva, podemos falar que os estudos em Crítica Genética vêm oferecendo uma multiplicidade de resultados, de acordo com as teorias que têm sido procuradas.</p>
42	<p>O trabalho da crítica genética no campo da dança.</p> <p>Precisava, ainda, conhecer os termos específicos da área para o estabelecimento de diálogo. [...] Temia ser muito teórica, pois isso sempre cria obstáculos para as interações buscadas. Os diálogos entre universidade e comunidade artística são marcados, muitas vezes, por resultados desastrosos, quando não é encontrada uma linguagem comum. (Buscar uma linguagem adequada ao objeto de estudo)</p> <p>Propostas de integração</p> <p>Não me interesso só por aquilo que é meu ou não me contento com aquilo que é meu; ao mesmo tempo, aquilo de que me apropriado é por mim transformado, de acordo com minhas buscas, que se cruzam com as propostas do grupo. As interações com o outro encontravam seus modos de manifestação.</p>
46	<p>[...] insisto que mais importante do que o desfecho do processo é o processo em si, pois normalmente somos levados a objetivar nossas ações a ponto de fixarmos metas e finalidades que acabam impedindo a vivência do próprio processo, do rico caminho a ser percorrido.</p>



49	Parece que agora a preocupação com o encontro de cortes e passagens de uma cena para outra era maior. Como estabelecer a relação das partes com o todo, formando uma possível composição.
51	[...] Passaram, assim, a explorar livremente formas mais fluidas, saindo do conforto do estabelecido, desprovidas de parâmetros de certo e errado e abertas para o que outro podia oferecer.
52	Obras que tendem a acontecer na continuidade ou na constante mobilidade das formas. Os limites entre obra e processo desaparecem.
53	<p>O gesto do pesquisador de participar, de certa forma, do ato de criação obriga-o a levar em conta àquele que faz a obra. [...] O artista ocupa lugar de destaque como criador e artesão que vamos conhecendo pelo itinerário de seu caminho criativo.</p> <p>[...] O sujeito, segundo Louis Hay (1985), foi praticamente posto de lado pela crítica estruturalista: desacreditado, num primeiro momento, pela banalidade das explicações biográficas, foi, a seguir, excluído do texto pelo rigor teórico das análises formais.</p>
54	<p>Olhando ainda para as reverberações do (re)nascimento do autor e retomando, com certa restrição, as palavras de Louis Hay (1986), que enfatizam o sujeito como centro das novas indagações, diríamos que os estudos genéticos não colocam o sujeito, precisamente, como centro das indagações, mas como parte dessas indagações.</p> <p>O crítico genético, em seu interesse pelo processo, assiste ao espetáculo da construção de uma obra por uma mente criadora. [...] Não se perde, assim, nem a radicação da obra, nem o movimento dialógico contínuo entre as raízes e o desenvolvimento da obra por meio de suas futuras interpretações.</p> <p>Grésillon e Lebrave (1983) ressaltam, no âmbito da literatura, o papel do escritor como seu primeiro leitor, que tem, por sua vez, poderes diferentes de um leitor comum: é um leitor que é, ao mesmo tempo, o eu que escreve que se lê, que se autocomenta, que reescreve etc. Lebrave diz que escritura e leitura estão indissociavelmente intrincadas na produção.</p> <p>[...] um mesmo sujeito é, sucessiva e simultaneamente, escritor e leitor. Cada releitura desencadeia uma reescritura: rasuras e novas versões.</p> <p>Para Almuth Grésillon (1985), dizer que todo escritor se relê pode significar que o escritor escreve e lê praticamente ao mesmo tempo, leitura essa que pode ter como consequência as "rasuras de escritura"; e pode significar, também, que o escritor se transforma em leitor crítico que revê seus escritos com olhos de outro, crítica essa que o leva às "rasuras de leitura".</p>
55	O foco de interesse, portanto, é o valor que o artista dá aos diversos momentos da obra em construção, levando a optar por esta ou aquela versão.

	<p>O papel do crítico genético é, portanto, acompanhar o processo criador a partir de uma determinada perspectiva crítica, na busca por explicações sobre o ato criador. Não cabe a esse crítico conferir (ou não) valor estético à obra nem às suas diferentes versões.</p>
57	<p>A pesquisa genética concentra-se na continuidade do pensamento que se vai desenvolvendo em direção à concretização desses momentos de descoberta.</p>
60	<p>A Crítica Genética veio, certamente, para inovar os estudos sobre o processo criativo, um campo repleto de pesquisas de natureza dedutiva e, ao mesmo tempo, renovar e enriquecer os estudos sobre a obra de arte.</p> <p>Como o estudo genético confronta o que a obra é com o que foi, com o que poderia ter sido ou ainda com o que quase foi, ele contribui para, por um lado, forçar a ver em cada fase um possível término — uma possível obra — e, por outro lado, contribui para relativizar a noção de conclusão e, assim, ver aquela forma, considerada final pelo artista, somente como um ponto final suportável.</p> <p>[...] pode-se falar numa estética do inacabado ou da incerteza.</p> <p>Chegamos ao trabalho pelo trabalho. Aos olhos desses amantes de inquietude e de perfeição, uma obra nunca está acabada.</p>
61	<p>Os documentos do processo criador têm o poder de guardar o tempo que não pode ser abreviado, o tempo de busca.</p>
62	<p>O artista caminha da desorganização que ele tem para a forma de organização que busca. Cabe ao crítico compreender aquele sistema específico.</p> <p>Para que a obra seja construída, o artista anota, pesquisa, experimenta. Nesse percurso, ele registra aquilo que lhe parece necessário sob a forma de diários, planos, diagramas, etc.</p>
63	<p>Os estudos genéticos, assim como se desenvolveram no Centro de Estudos de Crítica Genética da PUC-SP, têm caminhado em direção a uma possível teoria da criação (de base semiótica), ou seja, ferramentas gerais que tiveram como ponto de partida estudos singulares de documentos e que, ao mesmo tempo, se alimentam desses estudos.</p>

## RESENHA

*Crítica Genética: Fundamento dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística* é um livro de introdução à crítica genética, escrito por Cecília de Almeida Salles. De um modo objetivo, a autora apresenta os fundamentos dessa ciência, que surgiu na França, em 1968, por iniciativa de Louis Hay e Almuth Grésillon. Inicialmente, o objeto da Crítica Genética era a investigação dos manuscritos literários, porém, com o passar dos anos, outras áreas de estudos começaram a ser exploradas. Nesse livro, que já é a segunda edição da obra, a autora incluiu um estudo de um processo de criação em dança, que foi um projeto que ela acompanhou de perto e que estava vinculado à Prefeitura da cidade de São Paulo. No caso da dança, o objeto de estudo demandou estratégias que foram desenvolvidas na medida em que a análise avançava. O livro de Cecília Salles é leitura obrigatória para todos os que começam a se interessar pela Crítica Genética e pelos Estudos de Processo de Criação. Recomendo-o por abordar conceitos complexos de uma forma simples e extremamente didática.

Ernesto Nascimento